

## PREÂMBULO

### DESAFIOS DA EDUCAÇÃO E DA SOCIEDADE

Bom nível educacional da população é questão de sobrevivência da democracia e da própria nacionalidade. Urgente repensarmos, pautarmos nossa postura cidadã em prol da revitalização da escola, dado o seu excepcional papel político, instância maior do pensamento e conhecimento. O desenvolvimento do saber, da razão pensante, da aquisição da consciência, da autonomia, da liberdade, da convivência sadia, do humanismo, do raciocínio e da sociedade estão implícitos na qualidade e excelência da educação auferidas desde a infância.

Na escola, são dados os passos básicos de relacionamento – colegas, professores, diretores – de experiências intelectivas, lúdicas, disciplinares, normas convencionadas, respeito mútuo, valores universais.

Assistimos hoje, sobressaltados, a teorias que pregam permissividade sob a capa sutil e subversiva de “tolerância” ou melhor omissão, em especial das autoridades – preocupadas apenas com a manutenção do poder – e ainda das famílias, muitas em manifesta deterioração. Impunidade, irresponsabilidade, o massacre levado a efeito pelos meios publicitários e do entretenimento – leia-se hedonismo, prazer escancarado e achincalhador, ilicitude, despudor – que eliminam valores secularmente cultivados, em nada contribuindo para a formação da personalidade e do caráter infanto-juvenil. Valoriza-se o ter, o prazer fútil, o sucesso a qualquer custo, licenciosidade exaltada pela mídia em espetáculos grotescos, primários.

Não é de se estranhar o grande número de crianças e jovens fora da escola ou em processo marginal (notas baixas, repetência, agressividade, autores ou vítimas de bullying). Comportamentos patológicos afloram na internet e redes sociais, espriam-se por ruas e antros (pedofilia, drogas, delinquência virtual e invasiva em todos os lares e mentes, gravidez precoce, doenças sexualmente transmissíveis, taras de todo jaez). Famílias igualmente atônitas, convivendo com a indisciplina, o explosivo questionamento de uma época que exige “direitos”, porém sem o contraponto dos “deveres” – eis a violência doméstica, das ruas e que chega dolorosamente às salas de aula...

A formação de bons cidadãos surge em boas escolas, nos bons métodos e processos pedagógicos. Daí ser importante o resgate da qualidade do ensino e sua universalização, incorporando massas significativas de crianças e jovens, hoje entregues à delinquência, às gangues, à barbárie, frutos do abandono, do desestímulo, da falência vergonhosa do Estado e dos meios degenerados da publicidade e do mercantilismo. Um esforço, sobremaneira urgente, a ser trabalhado conjuntamente por pais, mestres, igrejas, empresas idôneas e lideranças comunitárias...

O professor, o heroico profissional da educação, é outra grande vítima da nefasta política oficial para a educação, ao lado da omissão e convivência da sociedade que não valorizam devidamente o conhecimento e as artes do intelecto. Vítima de maus salários, de sofríveis condições de trabalho, do descompromisso estatal. Não é de interesse dos governantes e legisladores um povo educado, conscientizado, permitindo-lhes assim reinar e sobrepujar a nação, por séculos!

A despuorada política ou mentalidade de se “tirar vantagem”. A mentira, a mais deslavada, o engodo, o despudor como processos normais, naturais de comportamento, quantas vezes provindos de autoridades. Direitos em benefício próprio, sob o manto da “legalidade”, mas jamais da “moralidade”, da “ética”, da decência pública. E por quem deveria zelar por eles. Leis ou atos espúrios, criados ou interpretados, dentro de sofisticados ambientes, em prol da exclusividade corporativista, com benefícios e remuneração sob códigos e segredos de Estado. Zumbis travestidos de excelências...

Autodeterminação, autonomia, dignidade, além de direitos legítimos são intrínsecos ao ser humano. “Todo ser racional existe como um fim em si mesmo e não como um meio para imposição de vontades arbitrárias” (Immanuel Kant). Até quando veremos amesquinados os direitos – das crianças, jovens, dos profissionais da educação, do cidadão contribuinte?

Acesse o Boletim online no site [www.credivertentes.com.br](http://www.credivertentes.com.br)

## AO PÉ DA FOGUEIRA

### O CHAMEGO

Moço simples das redondezas, passando a ter noções mais claras da vida, encantara-se com Anita, filha do fazendeiro vizinho. Jovem, meiga, bela camponesa, sempre o atraía, desde o primeiro momento, o primeiro olhar. Inexplicável a sensação ao vê-la, ainda que à distância, em alguma festa familiar, em algum evento religioso, quando sutilmente, fundamentalmente os olhares se encontravam, se apraziam, se encantavam. E como guardava, acalentava na mente a primeira vez que se aproximaram, usando ela uma mantilha rendada a lhe cobrir discretamente os belos, ondulados ombros. A jovem, na sua entranhada percepção feminina, percebera a admiração e aprovação do enamorado. Era ela inacessível, porém. Os pais vigiavam-lhe os passos e talvez até os pensamentos como implacáveis cães de guarda. Seria por eles destinada a algum pretendente rico da região. E ele, um rapaz pobre, sem eira nem beira, sem maiores ou nenhuma chance...

Decidiu buscar um rumo na vida. Trabalhou na região do Rio das Mortes, retornando, porém, após seis anos, à região de origem. Sabe-se lá como, o retorno do jovem, o seu chamego por Anita, ainda solteirinha, chegou até à cozinha do sisudo fazendeiro. D<sup>a</sup> Maria, a esposa, talvez após confidências ou conhecendo os sentimentos da filha, informou, então, com sutileza, ao marido:

- Esse rapaz, o JB, está de volta, meio sem rumo, por aí. Você que está a reclamar de um ajudante, expedito, de confiança, por que não “experimenta” ele no serviço da fazenda? Ele é moço, forte, humilde, porém de boa família e com essa trabalhadeira diária aqui, com esses seus queixumes a toda hora de canseira, decerto que será um bom, quem sabe um excelente auxiliar...

Ei-lo chamado pelo fazendeiro para trabalhar, aquele frio na barriga, aquele formigamento por dentro; sente-se resabiado, apreensivo, pois sabia que o chamado do fazendeiro era obra das mãos e de um coração arrebatado vindos da cozinha da fazenda. E, tão logo chegou pelo amanhecer, lá estava no peitoril da janela a mantilha como um vibrante sinal de boas vindas e ...afeto! E já no primeiro dia, é escalado como candeiro, serviço que jamais vira e muito menos fizera. Um desastre. Cangou bois ao contrário, se complicou com cambão, ajujes, aquela parafernália de peças de couro e madeira. Contou, contudo, com a benevolência de Calante, o carreiro.

Foram buscar um lote de milho numa roça longe do murinho. No caminho, no retorno, o carreiro aferrou duro o boi Brillhante, que lerdara na subida brava da cava, e passou a sangrar e muito. Fora poupado o Marmelo, companheiro de coice que aguentara bem o peso.

Chegados à fazenda, o proprietário, vendo o estado sanguinolento e fragilizado do boi, pergunta, de chofre, ao candeiro:

- O que aconteceu com o boi, para ele estar nesse estado?
- Ah... o Brillhante emperrou na subida e o carreiro espicaçou “ele”
- E no mais, seo moço? Que tal a estreia? Afinal, dá prá aguentar o tranço da fazenda?
- Tudo certo, patrão.

O fazendeiro – tido como homem severo, casmurro por todos – deu um largo sorriso, afastando-se do local e enquanto os bois eram descangados, voltou com uma vasilha de salmoura e chamando, de forma amável, o improvisado candeiro, juntos curaram – e muito bem – o boi Brillhante. A seguir, convidou, com cortesia, o moço – e por extensão o carreiro – para um bom café na varanda. “Preparado pela Anita”, confidenciou marotamente o patrão

Era aquela a senha, o sinal de anuência para o namoro e que viria brevemente se transformar em casamento. Chamegos de longe, aconchegados vindos da cozinha e do coração de Aninha... E assim JB viria a se tornar um dos mais poderosos fazendeiros da região!



# ADIVINHAS

1- O que é que corre a casa inteira e depois vai dormir num canto?

2- O que é que quanto mais cresce, mais baixo fica?

3- O que a esfera disse para o cubo?

4- O que é, o que é? Caminha sem pés, voa sem asas e pousa onde quiser.

drado; 4- Pensamento

Respostas: 1- A vassoura; 2- O rabo do cavalo; 3- Deixa de ser qua

## Provérbios e Adágios

- Quem não tem cabras e cabritos vende, donde lhe vem não se entende
- Vão-se as leis, onde as querem os reis
- Do saco a embira
- Onde quebra o pote, aí é que se procura a rodilha
- Peixe morre é pela boca
- Nem com toda sede ao pote, nem com toda fome ao cesto
- Maio não dá capote a marinheiro

**Para refletir:**

- Um pouco de conhecimento inclina as mentes dos homens para o ateísmo; porém, a grandeza do conhecimento devolve-os a Deus (Lord Bacon)
- Um velho que não sabe dar ouvidos ao mistério dos riachos que murmuram desde os picos até os vales é tolo, uma múmia espiritual, que não é outra coisa senão passado estagnado (Jung)
- Em tudo, até para se entender Deus, é preciso encanto, deslumbramento” (Donald Miller)
- O importante não é a saída, nem a chegada, mas a travessia (Guimarães Rosa)
- Viver ultrapassa qualquer entendimento (Clarice Lispector)

## EXPEDIENTE

### QUEM SOMOS:

O boletim é uma iniciativa independente, voluntária, necessitando de apoio de todos os São-Tiaguenses, amigos de São Tiago e pessoas comprometidas com o processo e desenvolvimento de nossa região. Contribua conosco, pois somos a soma de todos os esforços e estamos contando com o seu.

Comissão/Redação: Adriana de Paula Sampaio Martins, Elisa Cibele Coelho, João Pinto de Oliveira, Paulo Melo.

Coordenação: Ana Clara de Paula

Revisão: Heloisa Helena V. Reis Oliveira.

Colaboração: Marcus Antônio Santiago; Instituto hist. Geográfico de São Tiago.

Apoio: Renata Aparecida de Paula Serpa

E-mail: credivertentes@sicoobcredivertentes.com.br

### COMO FALAR CONOSCO:

BANCO DE DADOS CULTURAIS/INSTITUTO SÃO TIAGO APÓSTOLO

Rua São José, nº 461/A - Centro - São Tiago/MG  
CEP: 36.350-000 - telefone: (32) 3376-1107  
Falar com Renata Aparecida de Paula Serpa

Realização:



## UMA FESTA EM FAMÍLIA

Nesse momento em que estou sendo alvo de tanta atenção e carinho por todos vocês, meus amados filhos, confesso que estou me sentindo tomado por forte emoção e, por isso, está sendo difícil para mim expressar a minha alegria e gratidão por vê-los todos, nessa manhã festiva, a comemorarem comigo, o meu 87º aniversário natalício.

É muito gratificante para um pai, depois de uma longa caminhada pelas estradas sinuosas da vida, sentir esse calor e essa demonstração de amor filial que hoje recebo de todos vocês, que sempre foram e continuarão sendo a razão da minha alegria de viver.

É nesse ambiente familiar, em que estamos vivendo agora, que sentimos verdadeiramente a presença de Deus a nos fortalecer na fé para que, irmanados pelo mesmo sentimento fraterno, possamos merecer as suas bênçãos as quais, tenho certeza, muitos benefícios trarão para as nossas vidas.

O meu agradecimento sincero por todo esse carinho e pela linda festa, e juntamente com sua mãe, as nossas bênçãos de pais, que tanto amam a todos vocês!

Nivalda e Jackson Salve!  
15/06/2015



## DIAS DA SEMANA

Os antigos romanos davam aos dias da semana nomes de divindades pagãs: solis dies (dia do sol); lunae dies (dia da lua); martis dies (dia de Marte); mercurii dies (dia de Mercúrio); iovis dies (dia de Júpiter); veneris dies (dia de Vênus); saturni dies (dia de Saturno).

Este costume conservou-se em grande número de línguas europeias, em especial as dominadas pelo Império Romano, em que o latim era a língua dominante, mesmo no galego-português, falado em grande parte do território luso até o século XV. Dessa forma, o “dia da lua” (2ª feira) deu origem ao lunes espanhol, ao lundi francês e ao Monday dos povos de língua inglesa.

Nem todos aceitaram esse critério. Atribui-se a São Martinho, bispo de Braga no século VI, que considerou impróprio os cristãos usarem nomes de divindades pagãs em seu calendário. Introduziu ele também no campo civil o modo eclesiástico de denominar os dias da semana, nomenclatura que prevalece até os dias atuais, nos países de língua portuguesa: segunda feira, terça feira, quarta feira, quinta feira, sexta feira.

## Refiticação

Retificamos a Nota da Redação da pág. 5 do Boletim XCV Agosto/2015: Onde se lê: em nosso boletim nº X – Junho/2008 leia-se: em nosso boletim nº X – Julho/2008

Patrocínio:



Apoio Cultural:





# MASCATES

FOTO INTERNET/DIVULGAÇÃO

Nosso País, pela sua vasta extensão territorial, topografia irregular, diversificada distribuição demográfica, muito deve, no passado, à ação dos intermediários na progressão, difusão e comercialização de mercadorias, fossem eles transportadores (tropeiros), fossem mascates (vendedores itinerantes).

Munidos de caixas e pacotes, debaixo de chuva ou sol, com barro ou poeira, os mascates iam de casa em casa, vender utensílios de pequeno porte (“bugigangas”), roupas, cobertores, toalhas e outros produtos da então pouco desenvolvida indústria nacional. Era comum, nas cidades, aí pelo início e até meados do século XX, os mascates oferecendo armarinhos, apetrechos, utilidades domésticas de porta em porta, carregando baús às costas, presos num x de madeira com duas correias. Muitos utilizavam matraca a fim de se anunciarem pelas ruas. Sistema de crediário, em que as vendas eram parceladas em 5, 10 vezes, sem fichas cadastrais, fiadores, promissórias. A única garantia era a honestidade do comprador – uma relação cativa, em que a palavra era sagrada, gerando por vezes sólidas amizades e até de compadresco entre negociante e freguês.

Desempenharam os mascates uma notável função social, levavam produtos dos grandes centros a milhares de brasileiros espalhados pelo vasto território pátrio, divulgavam e promoviam o desenvolvimento da indústria nacional, atendiam o homem do campo, o operário, o pequeno empreendedor, a dona de casa, integrando-os, como consumidores, ao processo de circulação de mercadorias e o consequente acesso ao conforto dos modernos bens de consumo.

“Mascate” foi o nome dado no Brasil aos vendedores e mercadores ambulantes, de porta a porta e que o povo, a partir do final do séc. XIX, passou a cognominar “turcos da prestação” ou simplesmente “turcos”. A palavra “mascate” veio do árabe “el matrac”, nome com que os portugueses passaram a ser designados no Oriente, após conquistarem, em 1507, com apoio dos libaneses cristãos, a cidade de Mascate, no Golfo Pérsico (capital do atual Omã) e aí introduzindo suas mercadorias.

“Mascate” era igualmente a denominação depreciativa com que os moradores de Olinda chamavam os portugueses do Recife, originando a “Guerra dos Mascates”, iniciada em 1710 em Pernambuco. Após a invasão holandesa, muitos comerciantes vindos de Portugal – lá também denominados pejorativamente de “mascates” – estabeleceram-se no Recife, realizando negócios rentáveis trazendo prosperidade à vila, fato que gerou desconfiança e animosidade por parte dos olindenses, em sua maioria, senhores de engenhos em sérias dificuldades econômicas. Irrompeu daí um conflito, de interesses políticos e econômicos, entre a nobreza açucareira pernambucana – insolvente, à época – e os novos e ricos burgueses recifenses, a chamada “Guerra dos Mascates” (1710/1711), sendo Recife alvo e palco de acirrados combates. Foi essa, segundo historiadores, uma das primeiras manifestações nativistas ocorridas no Brasil.

O termo “mascate”, embora comum em Portugal e com idêntico significado, ficou associado no Brasil à imigração árabe, quando grande contingente especialmente de sírios, libaneses aqui chegados<sup>(1)</sup>, passaram a dedicar-se à venda ambulante (miudezas, tecidos, quinquilharias, miçangas), de cidade a cidade, de porta a porta, denominados “turcos” pela população. Os mascates, inicialmente, visitavam cidades, fazendas, povoados e, com o tempo, instalaram lojas próprias nas cidades, tornando-se, muitos deles, grandes e poderosos empresários.<sup>(2)</sup> Percebemos a influência, ainda hoje, dos “mascates” no comércio popular e de massa, com as práticas de alta rotatividade e grande quantidade de mercadorias vendidas – os sistemas de prestação, promoções, liquidações, “queimas” de estoques efetuados, diuturnamente, por lojas e magazines.

A figura ou personagem do “mascate” aparece em romances de Jorge Amado, José Lins do Rego e outros escritores como negociantes itinerantes que, geralmente a cavalo, passando por povoados, sítios, cidades, atravessando campos, igarapés, caatingas e locais íngremes, levavam mercadorias a toda parte. Eram baús e canastras atopetados de meias, linhas, algodão, anéis, pulseiras, pentes, sabonetes, quinquilharias e bugigangas de toda sorte. Muitos deles atuavam em nossa região<sup>(3)</sup> Em alguns lugares, por seu comportamento velho, o atravessador ou mascate recebia pejorativamente o nome de “regatão”, pois iam de fazenda em fazenda, por ermos vilarejos, comprando de tudo: galinhas e aves em geral, mel, ovos, feijão, porcos, polvilho etc. a que adquiriam baratamente, revendendo-os com preços abusivos alhures. Eram casos de negociantes de pouco ou nenhum escrúpulo, obstinados, sem limites éticos, enriqueciam-se ante a ignorância e o isolamento dos moradores e “fregueses”.



## NOTAS

(1) Não só sírios e libaneses emigraram para o Brasil a partir das últimas décadas do séc. XIX. Também palestinos, jordanianos, iraquianos, egípcios, ainda que em menor número, aqui se estabeleceram fugindo às agruras e misérias em seus países de origem, a maior parte deles, à época, subjugados pelo cruel Império Otomano (Turquia). Até não árabes, como judeus, gregos, armênios, etc. que migraram para o Brasil e comercializavam de porta a porta, eram chamados generalizadamente de “turcos” pelo povo.

D. Pedro II, em visitas ao Oriente Médio, estimulou a imigração, em especial de libaneses para o Brasil. O monarca visitou o Egito em 1871 e numa segunda viagem ao Líbano, Palestina e Síria em 1876. Segundo consta, o primeiro libanês oficialmente a migrar para o Brasil foi Yossef Moussa, vindo de Miziara, norte do Líbano e que chegou ao Brasil em 1880.

(2) Inúmeros estrangeiros e mesmo brasileiros de origem iniciaram suas atividades como “mascates”, tornando-se empresários poderosíssimos, como, a título de exemplo, o sr. Senor Abravanel (Silvio Santos).

(3) “Pedro Turco veio para o Brasil deixando a família em sua terra natal. Era mascate. Comercia, comprando nas cidades e vendendo nas fazendas, vilas e arraiais tecidos, aviamentos, bijouterias, armarinhos em geral. Era comum hospedar-se na fazenda. Conseguiu trazer a família para o Brasil, foi buscá-los no Rio de Janeiro, vindo residir no interior. Pernoitaram na Fazenda Rio do Peixe. Gente de raça e costumes diferentes, nem uma palavra diziam em nosso idioma. Pedro traduzindo, disse que estavam encantados com a beleza da nova Pátria e a hospitalidade do povo “ (Walpiria Oliveira Gomes Bonfadini – “Lembranças que o tempo não apagou”, Rio de Janeiro, ed. Autora, 1992, pág. 26).

## CURIOSIDADE

O Capitão General Morgado de Mateus registrou a prestação por ele realizada em 1766, em Sorocaba, do mascate Bernardo José Ferreira, o qual vindo do Rio de Janeiro, trazia as seguintes modalidades de mercadorias, típicas do comércio da época e que foram apreendidas, conforme os autos: fazendas como sarja, tafetá, linho; chapéus do Porto e de Braga; pentes atartarugados; espelhos pequenos; cadarços de lã; lenços encarnados; rosários de osso e de coco; cartas de baralho; navalhas de barba; fivelas de sapatos; agulhas sortidas; caixas de tabaco; bacias de arame de urinar; sabonetes do Reino; cordas de viola (Fonte [www.aprovincia.com.br/O-que-vendiam-os-mascates-no-século-XVIII](http://www.aprovincia.com.br/O-que-vendiam-os-mascates-no-século-XVIII))

Em nossa região, vários mascates, principalmente de origem árabe, tornaram-se com o tempo, homens ricos. Abraão Hannas em Resende Costa, os Mattar em São Tiago e Oliveira.

# CURIOSIDADES DA NOSSA LINGUAGEM

Na língua portuguesa, localizamos, volta e meia, palavras ou expressões curiosas indicando coisas de pouco valor, ninharias, coisa alguma. Dentre elas: quetilkûê; tuta e meia (preço vil, de pouco valor, quase nada); dez réis de mel coado; mica; tostão furado; nem chique

nem mique (coisa alguma, nada); nem chus, nem bus (nenhuma palavra); charla (conversa à toa, sem proveito); sem tugir nem mugir (sem dizer palavra, em silêncio); picica (coisa insignificante, de nenhuma utilidade; pessoa de baixa estatura) E tantas outras...

## TERMOS E EXPRESSÕES RETIRADOS DE AUTORES LIGADOS À NOSSA REGIÃO

Riquíssimo o acervo linguístico e literário-popular encontrado em autores com ligações com o nosso meio, objetos de nossa leitura, e que permitimo-nos aqui registrar alguns exemplos, extraídos das seguintes obras, com ambiência em nossa região: “Memórias I – de Belo Vale ao Caraça”, de Antonio Lara Resende (ALR) e “Pontes & Cia”, romance de João Lúcio Brandão (JLB).

• **Acepipes** - Do árabe “az-zibid” (uva passa) e por extensão guloseima; guisado bem feito, alimento apetitoso, coisa de bom gosto. “E uma variedade de acepipes desafiava o apetite, saturando a sala de quente aroma de gorduras e condimentos” JLB, pág. 151;

• **Arrelia** - Do lat. “ralum” (ralo) No sentido de irritação; incômodo: questionamento; zanga; quizila; rixa; briga; mau agouro. “- Coronel...Coronel Isidoro, por favor, não faça arrelia...Aqui, o Nicola não quis ofender... Ele falou por falar...” JLB, pág. 156;

• **À matroca** - ao acaso; à toa; ao léu; à deriva: sem rumo. Daí a expressão “andar à matroca”. Segundo alguns, é um lusitanismo, da época das grandes navegações, oriunda da junção/justaposição das palavras “má” e “troca” - embarcação desgovernada, rota desvirtuada, devido à inutilização ou perda do leme;

• **As canhas** - do lat. canius, canis (cão); mão esquerda; desajeitadamente;

• **Badulaque** - coisa miúda ou velha, de pouco valor; produto cosmético que as mulheres usam no rosto para amaciar a pele; guisado de fígado e bofes. “O que espero é que não seja posta de lado como qualquer badulaque sem valor, quando me tocar a vez da viagem sem retorno” ALR, pág. 129;

• **Bafafá** - discussão; confusão; tumulto; barulho. “E foi num desses bafafás que um afilhado meu, Gabriel, de corno cheio, enfrentou meia dúzia de agressores, perdendo na luta a mão esquerda. E passou a ser conhecido por Gabriel Maneta” ALR, pág. 27;

• **Baiquara** - matuto; caipira; guasca (RS);

• **Balangandãs** - ornamentos ou amuletos em forma de figas, meda-lhas, etc usado por baianas em dias de festa: penduricalhos. Segundo pesquisadores, inclusive o compositor Dorival Caymi, balangandãs eram, em sua origem, joias de ouro ou marfim, utilizadas por cima da saia ou então correndo a cintura em 2 voltas, por negras chiques (“partido alto”) da Bahia. Etimologicamente, vem de “balangar” (balançar), verbo muito comum na linguagem caipira. Posteriormente, a palavra ganhou a conotação de “penduricalhos”, peças ou pencas em formato de contas, figas, meda-lhas etc;



• **Bangalafumenga** (de origem banto) - pessoa de classe inferior ou mal vestida; João ninguém;

• **Banzar** (v.) - Termo provavelmente de origem asiática, de uso náutico ao tempo das grandes navegações e registrado por vários autores portugueses da época: o agitar-se, entrecocar-se (das ondas); Usado modernamente no sentido de espantar, surpreender, pasmar, meditar, pensar demoradamente, matutar. “É coisa triste a gente não podê trabiá e fica nessa paradeira, banzando que nem cachorro sem dono” ALR, pág. 39;

• **Bater taquara** - expressão que significa “conversar de forma longa, “martelada”; tagarelar”(taquara: bambu, taboca – do tupi “ya-kuara” “le-nho oco, furado”). “Naquele dia, regressando à Laje, enquanto o mano Quinzinho e o primo Onofre batiam taquara sobre coisas e casos daquela gente, eu matutava em torno da perturbadora diferença entre a vida de gente como aquela e dos que habitam centros populosos” ALR, pág. 156

• **Bilontra** - Palavra oriunda de gíria de marginais; velhaco; espertalhão; vagabundo; indivíduo metido a conquistas; frequentador de lupanares; a parte de madeira do tamanco, antes de se lhe prender o couro ou pano (RJ). “Ah! Seu bilontra! Eu é que paguei as galinhas e você é quem arranjou a namorada” ALR, pág. 58. “Durante alguns anos, eu não tinha coragem de encorar o tio. Ele percebia isso e me dizia: - “Está com medo, heim? Cadê sua prosa, seu bilontra?” ALR, pág. 377;

• **Biltre** - Do fr. “belitre”; além. “bettler” (mendigo) - velhaco; homem vil; infame; pessoa sem palavra; desavergonhado; fem. Biltra - mulher vulgar, de má condição. “- Como estará o biltre? inquiriu o mestre” JLB, pág. 163. “O biltre queria naturalmente que ninguém acertasse, já que o seu protegido não o tinha conseguido” ALR, pág. 413;

• **Boé** (bué) - berreiro de criança; choradeira. “- Eu só ? Você também não abriu o boé ?” ALR, pág. 54;

• **Bragal** - Do celta “braga” (panos) - conjunto de toda a roupa branca de uma casa / Bragado - cavalo que tem listas brancas à altura do machinho

• **Bugigangas** - Do esp. “bojiganga” (figura cômica ou palhaço do teatro de rua que utilizava “vexigas” (bexigas) cheias de ar sob as roupas para provocar risos); ninharias; quinquilharias; rede de cerco (pescaria). “Nos cômodos terreos do sobrado do Sr. João de Sousa, o Coronel Celestino Vale, vindo de Prados, havia se estabelecido com uma bonita loja de fazendas, armarinhos e bugigangas” ALR, pág. 212. “Diziam que ele se metia no trinque por amor da Rita, uma mulata gorducha, a quem levava lencinhos de chita, pulseiras de metal amarelo e outras bugigangas, cautelosamente surrupiadas no negócio” JLB, pág. 137. “- Temos sortimento novo, siá Dica: e começou a mostrar uma infinidade de bugigangas, broches, anéis, pulseiras e brincos de latão, que ia experimentando na moça, roçando-a, apalpando-a...” JLB, pág. 45;

• **Bulha** - desordem; motim (expressão “meter à bulha” - considerar como indisciplina, rebeldia). “Tão irritado me mostrei que Padre Van Pol riu-se de mim e meteu à bulha a minha zanga. Era reincidente” ALR, pág. 414;

• **Burudanga** - Termo provavelmente de origem espanhola; coisa de pouco ou nenhum valor; palavreado confuso; algaravia; mixórdia; reunião confusa de objetos; comida mafeita e de aspecto repugnante. “Você sabe, com o casamento, a ‘burudanga’ aumenta em casa” ALR, pág. 38;

• **Cacumbu** - enxada ou machado já gasto, insensível: caxirenguengue; nome de uma dança de negros. “Seu cacumbu parece querer dar idéia exata de como progride a agricultura em nossa Minas quase toda” ALR, pag. 212;

• **Calhorda** - Do napolitano “Cai orda” mulher suja, meretriz; indivíduo desprezível; infame; canalha; sem prestígio social. “Uns calhordas todos e ainda vocês querem me censurar por ser maçom...” JLB, pág. 59;

• **Cambulhada** - porção de coisas; molho de chaves; em maior quantidade; cambada (variante). Dicionaristas consideram como regionalismo do sul do País e Minas Gerais. “Impossibilitado de sair, tomei o livro que, na véspera, comprara de cambulhada com outros na Livraria Garnier, onde gostava de ir à hora em que sabia lá estar Mestre João Ribeiro” ALR, pág. 27;

• **Cangapé** - justaposição de canga+pé; pontapé dado subitamente na barriga da perna de alguém; sapatada; agressão de surpresa; trança-pé; “...usava a palavra cangapé para significar arranco, sova ou cousa que abate a pessoa” ALR, pág. 213;

• **Capadócio** - Do gr. “kappadokia”, região da atual Turquia, cujos moradores desde o Império Romano, eram tidos como boêmios, desregrados, licenciosos; I - indivíduo de atitudes acanalhadas; trapaceiro; charlatão. II - Natural da Capadócia, região da Turquia. “Culpa tem as autoridades que fazem as costas quentes àquele capadócio” JLB, pág. 52;

• **Carcamano** - do italiano “Carcare la mano”. I - Designação pejorativa de pessoa oriunda da Itália. Feirantes e ambulantes italianos que ludibriavam os fregueses, aumentando de forma sorrateira, o peso das balanças, “carcando a mão”; II - vendedor ambulante de tecidos, armarinhos e miudezas, geralmente “tucos” (sírios, libaneses e árabes em geral) ou “judeus”; III - engraxate. Para outros filólogos, a palavra provém do castelhano “carcamán” - pessoa decrépita, “forasteiro”, “mafioso”, “pessoa de poucos princípios”;

• **Carimbamba** - talvez do quimbundo “karimbu” - marca, sinal; curandeiro; pessoa ou acontecimento complicado. “Em natural reação irônica, os formandos passaram, mais tarde, a chamá-los curandeiros, charlatões ou carimbambas” ALR, pág. 376;

• **Caraminholas** - Do esp. “caramillo” (+ ola); acusação falsa; intriga; mentira; poupa de cabelo entrançado. “Quem estudou não pode engolir essas caraminholas!” JLB, pág. 167;



- **Castanha** - cabeça (expressão “quebrar a castanha” - “O Salão havia prometido quebrar-lhe a castanha e baixar o topete, afirmando que aquela valentia não passava certamente de arrotto de um mina” ALR, pág. 140;
- **Cica** - sabor adstringente de frutas verdes; travo; saibro amargo;
- **Coió** (bocolió) - tolo; ridículo; medroso; covarde; assobio característico próximo a uma mulher, a título de galanteio ou provocação amorosa (NE); choça ou rancho de um só compartimento, no meio da mata (BA).  
“Ripostando àquelas langorosas queixas de mulher contra suas manias, ele, quando bem humorado (o que era habitual, apesar de o não parecer aos coiós que não penetram a alma), enlaçava-lhe a cintura com o braço esquerdo...” ALR, pág. 379. “Ora, sêu coiô, eu esperava levar isso até os doze contos que eu tenho aqui no bolso” ALR, pág. 139
- **Cometa** - Do gr. “kometes” (que tem cabeleira); I - astro sideral itinerante, constituído por cabeça (núcleo e cabeleira) e cauda gasosa, rarefeita; II - caixeiro viajante (alabama). “Era o Nicola, o cometa, de há muito conhecido no arraial, onde gozava de fama de espirituoso, da qual abusava” JLB, pág. 144. “No corredor, quando todos já haviam chegado à mesa, o mestre puxou pela manga o cometa” JLB, pág. 150. “Um e outro eram cometas de categoria, representantes o primeiro, de Afonso Vizeu e outras firmas do Rio” ALR, pág. 473;
- **Cumba** - forte; valentão; provocador (regionalismo SP). “Ferido nos seus brios de cumba, com suposto direito de ser respeitado como tal, o interpelado achegou na cabeça o chapéu quebrado na testa, apertou a correia da cintura e caminhou para o interpelante” ALR, pág. 140;
- **Danisco** - do lat. “damnare” (danado, incrível, ágil, pasmoso). Termo empregado por Guimarães Rosa, no conto “Conversa de boi”, pág. 304. “Eta homem danisco! Vejam como os dois soldadinhos batem espada que nem gente. Esse homem só não faz o que não quer!” ALR, pág. 137. “Oh! Gente! Esse meu compadre Antonio Sebastião é mesmo das arábias! Eta homem danisco! Acredita que ele é capaz de fazer até gente?” ALR, pág. 137;
- **De molagem** - viver gratuitamente, à custa alheia;
- **Dichote** - dito picante; chufa; motejo; expressão jocosa. Vem do espanhol “dichote” - dito espirituoso, deboche e que, por sua vez, deriva de “dicho” (dito), participio passado de “decir”, do latim “dicere” (dizer). “As mulheres - caboclas, mulatas e crioulas com os trajes de cores vivas muito engomados, tinham requiebroso lânguidos, saracoleios voluptuosos, dando, de quando em quando, risadas aos dichotes dos pares” JLB, pág. 159;
- **Especula** - pessoa abelhuda (MG/SP); que faz indagações com objetivos de auferir vantagens ou por má fé; indagador. “Espere, seu especula! Quer que eu ainda repita?” ALR, pág. 53;
- **Estafeta** - Di ital. “staffeta” (vindo de “staffa”, estribo, estafa); correio a cavalo; entregador de correspondências. “Ali pelas Ave-Marias, pouco mais cedo, pouco mais tarde, era certo ouvir-se o trotear da égua baia do Juca estafeta, trazendo à garupa, amarrada pelo meio, a mala pouco volumosa de sola suja” JLB, pág. 19;
- **Estrambótica** - esquisito; extravagante. Segundo os estudiosos, vem de “estrambote” ou “estramboto”. Diz-se do soneto a que se adicionam um ou mais versos, além dos 14 convencionais. “- Ora, deixe disso, sô Tonico! Que pergunta mais estrambótica. Então você acha isso possível?” ALR, pág. 184;
- **Fancaria** - comércio de fazendas de algodão, linho, lã etc; trabalho pouco esmerado, grosseiro, apenas com interesse de lucro; de qualidade inferior. Gaforina - topete; cabelo em desalinho. “É que todos já estavam cheios do tal seminarista de fancaria e gaforina” ALR, pág. 414;
- **Gabola** - jactancioso; presunçoso; arrogante. “Era maneira de troçar dos gabolas”, ALR, pág. 107;
- **Gembê** - iguaria. “Eu só não sabia fazer corô com Benedita, quando em dengoso reboleio, ela se punha a cantar uma espécie de embolada ou coisa assim, em que, de vez em vez, as palavras gembê e caioiá rimavam com outras que eu não entendia, mas que davam ideia de comida gostosa, a cheirar, fumegante, nas panelas de pedra” ALR, pág. 253;
- **Geringonça** - do esp. “geringonça” e do vascongo “gergo” - gíria, calão, palavreado ininteligível; embrulhada; coisa malfeita e de fácil destruição; engenhoca a desconjuntar-se. “- Vou ver se faço esta geringonça. Vou fazer experiências. Geringonça era termo que ele gostava de usar, quando queria ser irônico, não dando a uma coisa grande importância” ALR, pág. 131;
- **Ité** - de origem tupi - alimento sem gosto, insípido; adstringente, gosto de fruta verde. Ité tem o mes-



- mo sentido da palavra “vápido”, ou seja, sem sabor, insulso;
- **Lereia** - Do gr. “leron” (falar - daí expressão “lero-lero” e “lérias”); palavreado desconexo; mentira; conversa sem interesse. “- Uai, gentes... Você hoje está esquisito, todo cheio de Lereias...” JLB, pág. 103;
- **Lérias** - Feminino de “lero”; palavreado sem nexos; lengalenga; falácia; lábia; conversa mole; mentira. “Se aquele patife contar-me lérias, esparramo-lhe os miolos com este revólver, dizia o João Bótica” JLB, pág. 133;
- **Loroteiro** - do gr. “leron” (falar); variação popular de “lero lero”, “le-reia”; gabola; mentiroso; conversador fiado; contador de histórias falsas e inventadas. “A eles se referia como ‘pegadores de cavalos no pasto’, ‘trocadores de éguas’, ‘loroteiros dos Quatro Cantos’. Loroteiro é contador de lorotas, gabolas, arrastadores de malas...” ALR, pág. 87;
- **Madraço** - Masculino de “madraça” (escola em árabe). Palavra que sofreu adulterações, passando a significar indolente; preguiçoso; ocioso; mandrião; vadio. “Pregue-lhe ao lvo um processo por injúrias e calúnias faladas; quebre a opinião daquele madraço que está se coçando por uma sapeca, e boal!” JLB, pág. 52;  
“A seu lado, vinha o pai, o Lau, mestiço alto, espadaúdo, de formas atléticas, fisionomia bronzeada e bonacheirona, madraça e pândega, afetando seriedade e circunspeção” JLB, pág. 39;
- **Malacueco** - finório; espertalhão; velhaco; esquisito. Palavra de origem obscura; ocorrente no Alentejo, no sentido de “pessoa que não cumpre palavra”. “Retornando a Petrópolis no início das férias, o malacueco foi convidado a deixar a batina e o seminário” ALR, pág. 414;
- **Mandigueirote** - de origem africana (“mande” - hipopótamo, totem de tribos da Guiné) - feiticeiro
- **Mangar** (v.) - verbo de origem cigana, no sentido de “pedir esmola”; fazer caçoadá; motejar; troçar; escarnecer ou ridicularizar alguém, afetando seriedade; matar serviço; vadiar; não prestar atenção no que está fazendo. “- Você está mangando comigo” JLB, pág. 104;
- **Mamparreador** - ocioso; que simula estar trabalhando;
- **Manauês** - espécie de bolo feito de fubá de milho, mel ou melado e outros ingredientes;
- **Maúncas** - Do lat. “manutia”, “manus” (mãos): I - punhado a que a mão pode abarcar de uma só vez; II - molhos ou résteas de alhos ou cebolas, enfaixadas na própria palha e hastes;
- **Mequetrefe** - Do árabe “mogatref”, (petulante, segundo o filólogo Eguilaz y Yanguas) - indivíduo à toa; desclassificado; que se mete onde não é chamado: reles; patife; biltre;
- **Mocorongo** - de origem tupi, segundo alguns filólogos; desajeitado; atoleimado; bobo;
- **Mocureiro** - pessoa inábil em seu ofício; trabalhador “meia tigela”;
- **Mofina** - Variante de “mofo”, no sentido de estar doente, “mofando” -(subst.) infelicidade; (adj) de má sorte; infeliz; acanhado; importuno; poltrão; avarento; covarde. “O Neco era uma mofina de carne e osso que todos temiam; sovas repetidas não o corrigiam” JLB, pág. 125;
- **Pachola** - provavelmente do fr. “parche” (pele) - vaidoso; gabola; patusco; pedante; ridículo ou extravagante no falar e no trajar. “... o lvo - um rapagão daqueles tão pachola, tão sisudo, tão valente e que perdera de todo a vergonha” JLB, pág. 136.  
“Como está pachola hoje, siá Dica!, disse o boticário, mexendo-se todo no tamborete” JLB, pág. 43. “Muitos mexiam com ele para lhe ouvir as pacholices sempre ditas entre risadinhas moles; mas todos gostavam dele” ALR, pág. 140;
- **Pandarecos** - De origem obscura, talvez do lat. “panda”, “pandus” (esticado, tesão) em combinação com “tarecos” (trastes) - estilhas; coisa de nenhum valor, fragmentos; cacos. “- Pois, senhores, não há dúvida: com meia dúzia de fregueses dessa laia, minha casa voa em pandarecos; fico arruinado” JLB, pág. 47;
- **Pândego** - engraçado; alegre; folgazão; brincalhão; extravagante. “Quando cantou o martelo do Juca Macedo, leiloeiro sempre pândego, o Salão pagou os cinquenta ou sessenta mil réis e fixou o atrevido que o desafiara” ALR, pág. 139;
- **Pandoia** - do lat. “pandus” (esticado, tesão): e que, por alterações semânticas, passou a significar “recurso”, “côncavo”, “imprestável”. “- Eu bem sabia que este pandoia não dava conta do recado!, aparteu o boticário, de modo que o mestre o ouvisse” JLB, pág. 63;
- **Parlapatão** - Do ital. “parlar” (falar) ou “parola” (palavra) I - pessoa que tem o hábito característico de contar vantagens, se autopromovendo: fanfarrão; mentiroso; impostor; falante; blasonador; paspalhão; verborrágico; II - pessoa que engana os outros mediante conversas intrujonas, mentirosas, falaciosas;
- **Patavina** - coisa nenhuma; nada. Segundo estudiosos, a palavra teria origem no fato de que Tito Lívio, grande historiador romano (58 ou 64 a.C.-7 d.C.), ter o hábito de registrar, em suas obras, muitas palavras do dialeto da cidade onde nascera, naquela época chamada “Patavium” (hoje Pádua) e não em latim, que era a língua mais comum à época. Como os romanos não conseguiram entender o que Tito Lívio escrevera, diziam ser “patavinus”, algo ininteligível, incompreensível, adjetivo que acabou sendo empregado para textos ou conversas difíceis de entender.

## ... CURIOSIDADES DA NOSSA LINGUAGEM

Outros esclarecem que, quando os primeiros frades italianos, denominados "patavinos" (originários da cidade de Pádua), chegaram a Portugal, os portugueses não conseguiam entender o que diziam. Daí as pessoas dizerem "não entender patavinas" (não estar entendendo nada);

• **Pela capistrana** – expressão oriunda de "capristo" - laço sobre a cabeça; cabresto. Capistrana era o nome dado à pedra central da pavimentação nas ruas das cidades do Brasil Colônia. As lajes de pedra eram colocadas com cuidado para o eixo, ou seja em direção da capistrana, por onde escoavam naturalmente. "Fazer a capistrana" significava também, em tempos idos, o footing das jovens namoradeiras ou casadouras pelas ruas (as garotas se movimentando para cima e para baixo no centro da rua, ou seja sobre a capistrana, enquanto os rapazes ficavam parados, assistindo e flertando com as mesmas);

• **Pelintra** - Palavra de origem obscura; I - pessoa pobre, mal trajada, mas pretensiosa, exibida; II - avarento; III - trapalhona, janota;

• **Perrenque** - Étimo de criação popular, talvez a junção de Pé+rengo ("rengo" ou "renicus" do lat. "renes", rins, ou seja pessoa que sofre dos rins) - fraco; adoentado; covarde; lerdo; frouxo; capenga; pessoa que anda com dificuldade; animal que sofre de manqueira crônica. "São uns perrenques, esses que foram da primeira vez, comentava o boticário. Agora havemos de trazer o santo, custe o que custar" JLB, pág. 96

• **Picula** - pique; esconde-esconde; tempo será;

• **Pinoia** - I - coisa sem valor; logro; II - mau negócio; III - indivíduo fraco, sem préstimo; IV - mulher elegante, de costumes fáceis. "- Isto de batinas, são todos uns pinoias! sentenciou o João Botica" JLB, pág. 59;

• **Sabugo** – Do lat. vulgar "sabucus" ou do lat. liter. "sambucus". (Confundido, no uso popular, com "sabujo" do lat. vulgar "sabusius", adulador, bajulador) Medula ou espiga de milho sem o grão; parte do dedo a que se adere a unha; pessoa inidônea, tratante; adulador; bajulador // Sabugar (v.) – açoitar; surrar com açoite (NE). "- Larguem o homem, sós sabugos. Deixem ele solto! Porcaria! Você não guenta um trote..." JLB, pág. 50;

• **Salamaleques** – Do árabe "salam alaik" ("A bênção seja sobre ti") - saudações entre os turcos; medidas exageradas; cumprimentos afetados; cumprimentos com excessivas medidas; reverências; zumbaia. "Ainda na rua, o professor eternizava-se em salamaleques, até que o dono da casa foi fechando a porta, devagarinho..." JLB, pág. 68;

• **Sambanga** - tolo.

• **Samonga** – Do tupi-guarani "ça+monga" ("de olhos remelentos") – bobo; apalermado; sono; trapalhão. "Mas tem crédito para muito mais, seu samonga!" JLB, pág. 141;

• **Sarabanda** – Do árabe "dastaband" - I - dança espanhola, de caráter grave, do séc. XVI, em que os bailarinos davam-se as mãos enquanto executavam o ritmo musical; II - grande agitação; tumulto; roda viva;

"Depois de boa 'sarabanda' e ameaça de castigo se repetíssemos a 'arte', o caso acabou em boas risadas, por causa do susto que causara a tentativa pirotécnica do mano endiabrado" ALR, pág. 126;

• **Songamonga** – do esp. "zonga" - zongar, murmurar, resmungar + monga, que é uma rima onomatopeica; pessoa sonsa; manhosa; pachorrenta; dissimulada; sorneira. "Foi quando um dos presentes entrou na conversa: - Vocês acreditam na mansidão daquele songamonga? Eu não acredito" ALR, pág. 150.

"Era o Zé Tibúrcio. Crioulo, magricela, canela fina, epiléptico, o que minha sogra gostava de chamar de songamonga. Ninguém dava nada pelo crioulo" ALR, pág. 187.

"Aquele vaivém de jovens principalmente, que, embora separados à base de sexo, com aquela aproximação prazerosa que a novidade lhes propiciava, foi que levou minha sogra, fecunda criadora de neologismos, a dar à Praça dos Quatro Cantos, o expressivo nome de Largo do Vira Bunda. Pois não ficavam aqueles songamongas e bocoióis a andar para lá e para cá, forçados, portanto, aos repetidos movimentos de meia volta?" ALR, pág. 213;

• **Suta** - do ingl. "soot" (fumo, carvão) - I - instrumento com que se marcam ângulos no terreno; espécie de esquadro, de peças móveis, para se traçar ângulos; II - ajuntamento de pessoas que, previamente combinadas, deslocam-se até à propriedade de um vizinho, ajudando-o gratuitamente em serviços de colheita, limpeza de pastos, talpamento de alguma construção, reforma de tapumes, a que se dá o nome de "traição" etc;

• **Tagatés** – afago com as mãos; caricias; cafuné. "...aos fregueses que lhe faziam tagatés" JLB, pág. 136

• **Tempo será** – denominação que se dá à brincadeira ou folgado infantil conhecido como "esconde esconde";

• **Turuna** - forte; valentão; maludo; impostor. Tem também o sentido de pessoa gabarola, que apresenta o que não é. É uma palavra de origem tupi (tyr'una) com o sentido de "valente", "forte", "capaz de tudo". No sentido original, significa "cano, monte ou qualquer objeto grande, de cor escura. O folclorista Cornélio Pires registra a palavra "turuna" com o sentido de

"invencível". "Oia aqui, moço, vacê é mesmo turuna nesse jogo de pau" ALR, pág. 182;

• **Tutameia** - variação da expressão "tuta e meia". " – E quanto é que você ganha por parto que faz, senhorinha?

- Uma tutameia, patrão! Me dão dois contos de cada menino que eu cõio (sic). Uma tutameia, você não acha?" ALR, pág. 37

"- As boas contas fazem os bons amigos e não consinto que, por uma tutameia, fiquem magoados comigo. Bebamos à nossa velha amizade!" JLB, pág. 134;

• **Valdevinos** - Do fr. "baudouin" ou do ital. "baldovino" – aventureiro; estulto; vagabundo; estroina; pobretão; pessoa sem eira nem beira.

"O que ele pode e deve fazer é processar o valdevinos por ofensas físicas...Aqui estamos nós que podemos jurar ter visto o Ivo dar-lhe uma bofetada!" JLB, pág. 52.

## CURIOSIDADES SOBRE CONSTRUÇÕES RÚSTICAS

Inúmeros e pitorescos termos ocorrem em nosso vocabulário, referentes a edificações rústicas, a caminhos e que julgamos interessante reproduzir.

• **Alpondras** – passadiço feito de pedras no leito do rio para sua travessia de uma margem à outra; passadeira;



• **Bivaque** – acampamento ao ar livre;

• **Camarata** – dormitório coletivo (quartéis, internatos etc);



• **Farrancho** – grupo de pessoas que se unem para fins de lazer; ranchada

• **Garril** – obstáculo intencional ou a título de emboscada para impedir a passagem ou prejudicar o trânsito de veículos ou cavaleiros (ex: árvore derrubada na estrada);



• **Lezíria** – terreno alagadiço e plano às margens de um rio;

• **Papiri** – abrigo precário contra chuva feito de folhas na floresta, à margem de rios etc;



• **Sesteada** – lugar no campo ou ao ar livre onde viajantes, tropeiros, carreteiros almoçam e tiram a sesta;

• **Socalco** – espécie de degrau (feito) numa encosta, sustentado por pedras, mureta ou botaréu; escoras;

• **Tapiri** – choupana; rancho;

• **Tapuisa** – rancho improvisado; choça de caçadores e exploradores;

• **Tijupá** – palhoça; choupana; rancho; toldo de canoa;



• **Tupé** – esteira na qual se espalham os produtos colhidos na lavoura para secarem.



## PALAVRAS E EXPRESSÕES DE NOSSA INFÂNCIA

Dezenas de termos peculiares, até há algum tempo, eram empregados, à larga, em nosso meio e vão desaparecendo celeremente, sobretudo por força do êxodo rural, do aculturamento e influência da escola elitizada e dos meios de comunicação que inserem a cultura e valores de outros países. Sem falarmos na pobreza cultural, da despreocupação com o vernáculo, o definhamento linguístico típicos de nossa era.

No espaço de meio século, vocábulos - com toda a sua grandeza semântica, sua virtuosidade etimológica - a que ouvíamos, extasiados, nas rodas de meeiros, peões, tropeiros, trabalhadores rurais, moradores da cidade, muitos deles descendentes de escravos, de sangue mameluco, evidências de sangue indígena, gente simples, vivida, curta, desapareceram. Se eventualmente empregados na linguagem cotidiana, causam algum espanto. Chama-nos a atenção o fato de os vocábulos, em sua maioria de origem afroameríndia, serem de sentido reducionista, depreciativos. Nossa impressão pessoal é de que vários desses étimos, tal qual a influência culinária e artesanal (ex. abrolhos) chegaram até nossa região, provindos da Bahia, via escravos ou tropeiros. Discriminamos, a seguir, a título de exemplificação, alguns étimos de nosso uso, quando crianças e hoje a custo observados e que demonstram o quanto vêm se depauperando e desnacionalizando a cultura e a língua mãe em nosso meio e País.

- **Arenga** - amuo (amuar) - aranzel - arrelia - acepipes;
- **Bagulho** - bagatela - bafafá - borocoxó - banquelê - burundanga - banzar - bigorilhas - bocoió - bilontra - bugiganga - bradulaque - baiucas - bangalafumenga - baiquara - biltre
- **Calacear** - cafumango - calhorda - caraminguás - caraminholas - carcamaço - carcaço - cangapé - carimbamba - comezaina - cacunda - cacumbu - caloteiro - caipiá - capistrana - capadócio - cometa - cafajeste;
- **Dichote**;
- **Eshórdia** - estrupício - esculacho - ensancha - escalavrar - estrambótica - estrovo - estafeta;
- **Fuzuê** - fulo (de raiva) - furdúncio.
- **Geringonça** - gembê;
- **Lereia** - lérias - latomia - lambisgoia - loroteiro;
- **Mixuruco** - mamparra - maparreador - muxuango - mixórdia - marafunda - mandigueirote - mequetrefe - mucureba - malungo - mocorongo - mangar - mambembe - mistifório - mironga - muquifo - madraço - mofina;
- **Ojeriza**;
- **Pinimba** - pitimba - panaca - pindaíba - parlenda - pândego - palatão - potoca - pixaim - pixuá - pelintra - perrengue - pandarecos - pachola - pinoia - pandoia;
- **Quinguingu** - quibungo - quizilia;
- **Sambanga** - sacripanta - sapremar - serelepe - sururu - sarabanda - songamonga - sapeca - sarambeque - sarango - samonga - salamaques - sabugos;
- **Tascas** - tutaméia - trabuzama - turuna - tagatês;
- **Valdevinos**;
- **Zorongo** - zureta - zorate;

Inúmeras causas podem fragmentar ou diferenciar a unidade linguística. Fatores políticos, econômicos, acidentais geográficos, migrações raciais, étnico-sociais, isolacionismo, podem levar a diferenciações linguísticas, particularizando o emprego de uma língua no seu dia a dia.

O Português, ao se expandir no Brasil, a partir do litoral, aqui se mesclou inicialmente com falares indígenas, cuja influência é marcante nos topônimos (nomes de lugares), hidrônimos (nomes de rios e cursos d'água), antropônimos (nomes de pessoas), ao lado de expressões e termos característicos.

Posteriormente, o Português recebeu a influência de idiomas africanos, aqui trasladados pelos infelizes negros cativos, absorvendo várias repercussões de ordem fonética, prosódica, léxica e semântica, sem alteração, porém, da unidade linguística. Viu-se, igualmente, o idioma português enriquecido, entre nós, com alguns arcaísmos, dialetismos ou subfalares, frutos dos fatores aqui enfocados e tantos outros a serem pesquisados, lembrando que, no início da colonização portuguesa, pouca influência haurimos da Renascença (passamos praticamente da Idade Média para a Contra Reforma). Os migrantes ibéricos, geralmente analfabetos, chegados ao nosso País eram oriundos de várias partes da Península e ilhas atlânticas, com seus falares típicos e regionais.

Nossa região e o Estado em geral (desconhecemos maiores estudos filológicos a respeito), palmilhada e colonizada por brancos, com a participação acentuada do negro e em menor porte do indígena massacrado, em função das condições topográficas, ambientais e sociais, estabeleceu um linguajar pitoresco, com alguma heterogeneidade, preche de ricos étimos, confluentes dos substratos e superestratos que compõem o chamado "mineirês".

## GÍRIA, DIALETO E FALARES

Considerável número de vocábulos surgem através da criação e criatividade popular. Trata-se de um formidável, incontrolável fenômeno neológico, mediante a entrada ou tentativa de entrada de novos étimos na língua corrente. Voltaire escreveu: "Se se deixa agir a Academia de Letras, ela empobrecerá nossa língua"

Toda linguagem objetiva, na prática, a comunicação. Eis sua razão. Sentenças construídas em cadeia. Uma frase pode ser perfeita gramaticalmente e imperfeita semanticamente e vice versa. A linguagem sertaneja, por exemplo, é variante da linguagem citadina, em nada inferior a esta. Encontramos, ademais, outras variantes como a linguagem de caminhão, do "pa", literatura de cordel, de gaúcho (ou pampas) etc. Autores consagrados como Dante Alighieri, Ronsard/Joachim du Bellay, Gonçalves Dias enfrentaram preconceitos, ao empregarem variantes linguísticas em suas obras.

Segundo Silveira Bueno, a gíria atinge mais o léxico e a fraseologia. O uso da gíria, como o baixo calão e o jargão - que são formas de violenta linguagem efetiva - pode levar-nos a um baixo índice cultural. Uma espécie de linguagem parasita, ao lado da linguagem comum. Nasce da falta de expressividade de grupos falantes ou ainda da cifração de falares profissionais ou ambientais (estudantes, militares, malandros, prisioneiros etc.). Conclui Silveira Bueno: "As gírias, sobretudo, a dos malandros, ladrões, gente de ralé não podem ser consideradas elementos de estilo".

Mattoso Câmara diverge de Silveira Bueno quanto ao campo estilístico da gíria. Diz: "Há gírias em classes e profissões não só populares, mas também cultas, sem qualquer intenção de chiste e petulância, que, comumente, caracteriza as primeiras; mas, em todas, há uma atitude estilística".

"A gíria, que é um tipo de linguagem especial de certos misteres e ofícios, acaba por fornecer, à língua comum, forte contingente de vocábulos novos, na sua maioria altamente expressivos. As línguas são como o mar, oscilam continuamente..." (Celso Cunha, "Português através de textos", pag. 180).

"A gíria é um conjunto de expressões usuais na linguagem corrente de membros de um grupo social com a intenção de se distinguirem do conjunto dos demais falantes da comunidade" (Domicio Proença Fº, "Português 4", pág. 216).

**Dialeto** - é o modo de falar próprio e particular de uma língua nas diferentes partes do mesmo país; no acento, na pronúncia, em certas palavras no modo de conjugar ou de declinar. Não atinge a categoria de língua padrão, mas com ela tem afinidades linguística e de mesma órbita idiomática.

**Falares** - modificações sofridas pela língua padrão nas diferentes regiões do território onde vigora, devido a deficiências de comunicação, ordem cultural, isolamento etc. Língua de localidade, município, região, onde se verifica distinção de falar em relação com vizinhos.

Muitas obras em nossa literatura registram exemplos de falares e gírias:

- "A Bagaceira" - José Américo de Almeida;
- "Fronteira Agreste" - Ivan Pedro Martins;
- "Urupês" - Monteiro Lobato;
- Praticamente toda a obra de Catulo da Paixão Cearense, Cornélio Pires, Fontoura Costa, Jurandir Aguiar;
- "Na Cana e nas Cafieiras" - Aldo Júnior;
- "Caminhos de João Brandão" - Carlos Drummond de Andrade;
- "Os Barraqueiros" - Saul Martins;
- "Os Caboclos" - Waldomiro Silveira;
- "Tropas e Boiadas" - Hugo de Carvalho Ramos;
- "Entre a boca da noite e a madrugada" - Milton Dias;
- "Porque Lulu Bergantin não atravessou o Rubicon" - José Cândido de Carvalho;
- "Romance das Estradas" - Ary Andrade;
- Crônicas diversas de Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos, Mário Filho, Sérgio Porto e Guimarães Rosa.

IMAGEM INTERNET/DIVULGAÇÃO



## Folclore

# O Homem de Branco

## A Mão de Cabelo

**D**entre tantos fantasmas, mitos e duendes mencionados pela tradição popular, registra-se o do “Homem de Branco”, personagem observada secularmente por muitos moradores, nas mais diversificadas situações, inclusive até os dias atuais. Assombração típica das estradas, locais ermos, periferias de cidades, tratando-se, segundo alguns, de almas sofredoras – algum tropeiro, viajante ou morador daquelas quebradas ou vilas por onde, ainda hoje, são vistas - que, por um motivo qualquer, purgam erros, antigos pecados pelos mesmos caminhos onde transitaram e delinquiram no passado.

Crianças na Fazenda Rio do Peixe, assistimos, por várias vezes, geralmente à tardinha, à passagem de fantasmagórico ser, o imenso, esguio, branquejante corpo tocado pelas últimas fímbrias do sol poente, atravessando com largas, fosforescentes passadas, os antigos caminhos de tropeiros e boiadeiros.

Como o próprio nome indica, trata-se de um vulto masculino trajando roupas, chapéu, botas todos brancos, extremidades do corpo expressivamente brilhantes, visto por vezes parado, observando o entorno, por vezes movendo-se pelas estradas e ruas, em largas, gigantescas passadas, atemorizando a todos. Visto, em certas ocasiões, flutuando. E, assim volátil, desaparece, da mesma forma que apareceu.<sup>(1)</sup>

O memorialista Gentil Ursino Vale em seu livro “Estrelas Cadenetes”, cap. “Almas do outro mundo” (Divinópolis, Sidil, 1993) narra assim experiências e casos de assombrações, quando de sua infância em Resende Costa, em inícios do século passado:

*“Quando os dois coitados passavam pela casa de D. Cornélia, ficaram gelados. De olhos querendo saltar das órbitas. Mais mortos do que vivos, viram a figura imensa de um homem. Vestia-se de branco e tinha um dos pés apoiados no chão do Largo, enquanto o outro estava em cima do adro”* (op. cit. pág. 120).

A presença de fantasmas dessa natureza é, segundo relatos, observada primeiramente por animais, como cães, cavalos.

Merece menção, igualmente, em nosso meio, a “Mão de Cabelo”, entidade ou fantasma envolto em roupagem branca, de porte esguio, forma humana, as mãos constituídas de fachos de cabelo. Mito nitidamente mineiro, uma espécie de cuca ou espantalho

infantil, que punia crianças arteiras, birrentas, que mijavam na cama etc.

Há referências igualmente à “Mulher de Branco”, também conhecida como “Mulher da Meia Noite”, um mito praticamente universal, em que bela mulher aparece à noite, nas estradas, trajada de branco, pedindo carona. Ou ainda pelas ruas desertas atraindo e seduzindo incautos. Há vários relatos de pessoas simplórias que seguiram a “bela e sedutora mulher” e acabaram dentro de cemitérios, altas horas da noite... O historiador Luiz Gonzaga da Fonseca em sua “História de Oliveira” nos fala do peculiar “fantasma branco”:

“Antigamente, alta noite, um fantasma branco costumava aparecer pela cidade, ainda sem iluminação elétrica. Ele descia do largo da Matriz para a capela da Senhora Mãe dos Homens. Vez em vez, variava o seu trajeto.

Uma ocasião, conta José Sérgio, eu voltava da fazenda da Mandassaia. Eram dez horas da noite. No eu chegar ali na ponte dos Frades, um vulto branco relampeou na minha frente. Era uma mocinha bonita que acabava de sair daquele sobradão da esquina.

A mocinha foi andando devagarinho na minha frente e eu atrás, apertando o passo com má intenção.

- Espera, menina, que nós vamos juntos...

Nada. A mocinha não falava, não se mexia, não corria. Ia no seu vagar. E nada de eu “pegar o bonde” com ela.

Adiante, do lado de baixo da rua, ficava um jatobá antiquera; um mundo de árvore! Dava sombra para quatro litros de milho plantado. Do lado de riba, a igreja da Mãe dos Homens.

Ao passar pelo jatobá, peguei a desconfiar daquilo. Aí, em frente à igreja, o vulto sumiu. Olhei, a igreja estava aberta e toda iluminada. Entrei para ver. Nada da moça lá dentro. Ninguém!

Meus cabelos se arrepiaram. E voei pela rua abaixo. Quando dei fé, eu estava em casa; até hoje não sei como corri nem como saltei o Maracanã” (op. cit. pág. 378 - Obs. Maracanã - córrego que atravessa parte da cidade de Oliveira).

**(1) Ver matéria sobre outro ser de nosso folclore – “espichacolhe” em nosso boletim nº XIV – Novembro/2008.**







Igreja de Bom Jesus do Matosinhos, em São João del-Rei, erguida em 1770 e demolida em 1970

# DEMOLIÇÃO

## de casas históricas

### PROGRESSO OU PARANOIA?

**A**nte o deplorável espetáculo de imóveis, de incalculável valor histórico, sendo postos abaixo, ficamos pensando:

*O porquê da obsessão em se demolir, jogar ao chão, construções seculares e de se levantar, sobre os antigos alicerces, novos prédios?*

Mentalidade colonizadora, decerto. Os enlouquecidos colonizadores espanhóis e portugueses, ao chegarem à América, passaram a destruir tudo o que representava as antigas culturas ameríndias. Templos, tabas, imagens, códices, todo um conhecimento milenar eliminado, vilipendiado, sob a desculpa de se tratar de obras pagãs. Sobre o que destruíram, ergueram novas construções, numa manifestação de desprezo, arrogância, afronta ao passado.

Os novos, atuais colonizadores, aí incluídas as autoridades omissas, querem se perenizar, se imortalizar, erguendo sempre construções, dando rosto “moderno” à cidade. Orgulho de se destacar, sobrepor-se aos realizadores do passado. Daí desdenhar os vultos de ontem, suas obras, a fim de se postarem aos olhos dos contemporâneos e da sociedade com suas posses, riquezas, títulos, monumentos prediais. O que lhes importam tradições, a memória, as raízes, o passado da comunidade e do País? Que importa se aqui, outrora, foi a residência ou a sede da empresa de um grande patriarca e benfeitor de toda a região? Não o fizeram e o fazem ditadores, gananciosos, que erguem templos, estátuas, ícones, por sobre as ruínas anteriores, somente a fim de se glorificarem?!

Incapazes de compreender e fixar a memória, lá se vão – sob as ordens dos poderosos de plantão - paredes, alicerces, raízes, séculos atirados aos esbarrancados!

Muitos dos envolvidos na destruição fazem-se de perplexos, dão suas explicações, lavam as mãos, fazem uma “caiação” da sua personalidade, fala mansa, algumas explicações esfarrapadas, o ar compungido, a cara lambida, caras de tacho que encham o mundo, os “nada assumem”, buscando

se justificar quando nas rodas sociais e políticas.

Rejeitam-se assim dons, sons, sonhos, oráculos, seivas, todo o sagrado sacrário dos antepassados! A erradicação, sob qualquer forma iconoclasta, do materno, da terra viva, da memória, e que nos agasalham toda uma sabedoria, nossa alma ancestral! No fundo, gente que quer dominar a nossa psique, saquear de nossa consciência, o direito de pensar. Donos do poder, do dinheiro, senhores do ar e da terra... Afinal, o totalitarismo não tem preocupação com as pessoas, os corações, mentes, corpos, sequer com o meio ambiente. A ordem é violar florestas, rios, terras, o ar, o solo urbano, a história, seres... Apossamento do poder, das tribunas, das riquezas, dos cargos eletivos ou não é o que se propõe considerável número de pessoas. Não conseguirão, todavia, se perpetuar, destruir lembranças, sepultar a mensagem pulsante da história!

Não entendemos ou não queremos entender que há um conhecimento imemorial, uma história viva, pulsante, ainda que na forma de uma pedra, de um grão de mostarda, que lançado ao chão, pisoteado, será jamais destruído. Sementes, sonhos, ideias são indestrutíveis. Prédios, ganâncias, loucuras, bizarrices passam em pouco tempo. Patrimônios que, em duas ou três gerações, por mais poderosos, transferem-se a outras mãos, ou ao chão. Porquanto, sempre haverá extravagantes a erguerem mais e mais obras, mesmo sobre nascentes ou mananciais de loteamentos urbanos, enquanto outros destroem, por ação ou omissão, antigas edificações...

Lamentemos a história ferida, usurpada. Um réquiem, ainda que no ímo do coração, nos recortes da palavra, pelas nossas tradições e obras expurgadas. Ninguém jamais nos arrancará o direito de cantar, sonhar, viver, avivar a semente da cultura...

Aos que destroem ou deixam destruir, o que é pior, a indignação da consciência, a repulsa da história... Pois é este o único consolo que nos resta!

# MATERIAL ESCOLAR EM NOSSA INFÂNCIA

Os pais de hoje queixam-se dos custos, da diversidade do material didático-escolar utilizado por seus filhos, por força de exigência das escolas, muito especialmente as particulares. As públicas também não ficam atrás. As listas de início de ano letivo, elaboradas atualmente pelos educandários, chegam a assustar, trazendo dificuldades para algumas famílias de menor poder aquisitivo ou com número maior de educandos na casa. O comércio e a indústria, em particular editoras e autores de livros didáticos – de discutível qualidade – acabam ganhando generosos resultados financeiros. Nadam de braçadas a cada início de ano letivo.

Em tempos idos, senão recentes (meados do século passado), o material escolar requisitado era igualmente significativo, sofisticado e oneroso para os pais. Lembramo-nos dos vários utensílios e apetrechos a que carregávamos, em pastas sob os braços, em embornais portados à ilharga ou sobre as costas. Eram pesados fardos e cargas na ida e vinda diária da escola.

O estojo da marca “Lótus”, de lata ou de madeira; caixa de lápis “Fritz Johansen”; borrachas ocas que eram acopladas ao final do lápis; caneta tinteiro e vidro de tinta; régua de madeira; cadernos tipo brochura (cadernos de caligrafia, desenho, cartografia, linguagem, canto orfeônico); folhas de papel almaço pautadas; vidrinho com goma arábica; mata borrão; caneta de madeira com pena metálica; alongador de lápis (para aproveitar/encaixar as pontas de lápis); tinta nanquim; apontador de lápis; compasso; esquadro; massas para modelagem; tintas “Hering”; cartolina. E livros, quantos livros!

O uso de tinta nanquim e de tinteiro provocavam frequentes acidentes. Os vidros costumavam quebrar ou então entornavam, sujando roupas, objetos, carteiras. As crianças “desastradas” sofriam repreensões, ridicularizações e, quando o acidente ocorria em sala, viam-se obrigadas, sob constrangimento e o hilário olhar dos colegas, por vezes sob esconjuros, senão safanões e beliscões das mestras, a limpar móveis, assoalhos etc.

Surgiria o “tinteiro econômico”, invenção do São-tiaguense Dr. José das Chagas Viegas<sup>(1)</sup> que não entornava, não sujava as mãos e podia ser levado nas pastas. Era feito de alumínio ou de folhas de Flandres, mas com o surgimento das canetas esferográficas, acabou por se tornar obsoleto e antieconômico. A caneta BIC, inventada por Ladislao Biro e patenteada por Marcel Bich, surgiu na Europa em 1949, mas levaria ainda anos para chegar às escolas interioranas brasileiras<sup>(2)</sup>

As salas de aula contavam, de modo geral, com estantes de madeira e vidro; carteiras com base e estrutura de metal (ferro); escrivaninha de madeira para a professora; quadro negro; ábaco; globo terrestre; lousa; murais, mapas de Parker.

Aulas e avaliações de tabuada, cálculo rápido, declamações, interpretações de gravuras, dramatizações, dissertações sobre fatos históricos, desenhos, atividades manuais, aulas de canto etc.

Como livros didáticos, recordamo-nos das cartilhas de alfabetização: “Caminho suave”, de Branca Alves de Lima (da 1ª edição em 1948 até 1990 venderam-se 40 milhões de exemplares); “O Livro de Ildeu”, “O Livro de Elza”, “O Livro de Violeta”, “O Livro de Zezé”, de João Lúcio Brandão, em homenagem aos seus filhos<sup>(3)</sup> O livro “Desenhocop”, que trazia os desenhos ou silhuetas de bichos, mapas geográficos e órgãos do corpo humano, em que bastava passar o lápis por cima. O ensino daqueles tempos, denominado “primário” ia até a 4ª série (hoje 5ª série).

Outros livros então usados: “Vamos sorrir” (livro de leitura), autoria de Maria Bráz e Cândido de Oliveira: “O tesouro da criança”, de Antonio D’Ávila; “Leituras Infantis” de Francisco Furtado Mendes Viana; “Meninice” de Luis Gonzaga Fleury; obras e textos

infantis de Monteiro Lobato, Cecilia Meirelles etc.

Livros didáticos mais antigos e famosos eram os de autoria de João Kopke, Silva Pinto etc. e que ainda se usavam aí pelas décadas de 1940, 1950. João Kopke era conhecido pelo seu livro “Vozes dos animais”, com quadras bem elaboradas em uma inescutível linguagem sinonímica. Quem não se lembra de “Começa o dia, quem vadia? Clareia pouco a pouco. O galo canta, tudo se apronta” Ou então “Late o cão se algum estranho / aproxima-se do lar / Gane, rosna e uiva triste / pelas noites de luar”<sup>(4)</sup> Outro autor célebre foi J.C. Carvalho Saavedra com seus livros sobre “Zoo-logia” para as primeiras séries. Merecem menção ainda: “Minhas Lições” - curso primário (Linguagem, História do Brasil, Geografia do Brasil, Ciências Naturais, Matemática) de Rita Amil de Rialva, um verdadeiro compêndio e que só pelos conteúdos e densidade espantava a todos, até mesmo os melhores alunos; “Curso de Matemática Elementar” de Euclides de Medeiros Guimarães Roxo; “1º Ano de Geographia” de Mário da Veiga Cabral; “Pontos de Instrução Moral e Cívica” de Carlos Góes etc.

Para entrar no ginásio (hoje correspondente da 6ª a 9ª séries) era preciso fazer um “vestibular”, denominado Admissão ao Ginásio, com livros didáticos especiais. Exigia preparo rigoroso, pois os educandários que ofereciam o curso ginásial eram particulares, comunitários ou confessionais e as vagas limitadas (em São Tiago e várias cidades da região os Ginásios e depois as escolas normais eram filiados à CNEC-Campanha Nacional de Escolas da Comunidade, os únicos existentes) Temos em arquivo um exemplar “Pontos de Geografia e História do Brasil para o Curso de Admissão” de Gaspar de Freitas, 1952.<sup>(5)</sup>

Alguns livros didáticos, de que nos recordamos, a grosso, utilizados no curso ginásial: “Português Prático - Gramática” José Marques da Cruz; “Português no ginásio - Gramática e Antologia” Raul Moreira; “Gramática Geral” José Mesquita de Carvalho; “Compêndio gramática expositiva” Vittorio Berto; “Geografia Geral”. “Leituras Geográficas” e “Geografia do Brasil”, Aroldo de Azevedo; “História do Brasil”, Haddock Lobo (e também de





Borges Hermida); “Ciências Físicas e Biológicas”, Antunes Júnior; “História Geral”, “História da Civilização” e “Historia do Brasil” Joaquim Silva; “Matemática”, Osvaldo Sangiorgi; “Canto Orfeônico”, Heitor Villa Lobos; “Spoken English”, João Fonseca; “Elementary English Course”, Osvaldo Serpa e Machado da Silva; “O Latim no Ginásio” Vandick Londres da Nóbrega; “Latim” Matheus Nogueira Garcez Como livro básico de pesquisa a “Enciclopédia Barsa”, com dezenas de volumes, uma espécie de Google da época. E poucas famílias tinham condição de adquiri-la.

Algumas escolas, como forma de reproduzir material, usavam bandejas duplicadoras de gelatina ou com alguma dificuldade, adquiriam mimeógrafo a tinta ou a álcool e dispunham de máquinas de escrever “Remington” ou “Olivetti”. Um luxo, uma sofisticação naqueles tempos!

As escolas públicas não ofereciam, à época, merenda regular e geral. Somente as crianças “da caixa escolar” - aquelas cadastradas como muito carentes - tinham acesso à alimentação na hora do recreio. Servia-se um mingau de fubá grosso ou uma sopa à base de tutano (ossos fornecidos pelos açougueiros locais, em especial o Sr. Odilon de Almeida), sarabulhos, miúdos de suínos etc., algo quase que caritativo mas que, para muitos, era o primeiro prato do dia. As demais crianças, tidas como “ricas”, que levassem merenda de casa, (caso tivessem algo para levar) ou que ficassem com fome! Afinal, para os padrões seletivos e vesgos do Poder Público da época, elas eram “ricas”...

Após as crianças “da caixa” se abastecerem, forrando os frágeis estômagos, e se sobrasse alguma quantidade de mingau ou sopa, o bedel passava de classe em classe, informando-se das demais crianças “ricas”, até então discriminadas, se essas queriam alimentar-se. Só que, para essas, era pago - e à vista! As “ricas” não tinham crédito... E muitas vezes, elas eram vítimas de zombarias, gabolice por parte das “pobres”, o que hoje se chama “bullying”

Os abnegados serviçais da escola (lembramo-nos de sr. José Ica, Zé Brulino, Rosária Mendes) plantavam e cuidavam da horta escolar com a ajuda das crianças; recolhiam ossos e resíduos de carne nos açougues; solicitavam esterco, frutas aos fazendeiros, tudo ali era bem vindo e no intuito de manter a sopa para as crianças, para muitas o único alimento garantido do dia.

As tarefas escolares escritas, fossem redações, testes etc. tinham-se (que fazer) primeiramente o rascunho. Depois, passar a limpo, observando e corrigindo sempre. Uma forma de se minimizar erros gramaticais, conteúdos, cálculos, de treinar/melhorar a caligrafia. Ainda havia a tática ou técnica da correção/revisão por outro colega, uma espécie de mutualidade no processo de aprendizado. E finalmente a revisão pelo mestre(a). Era uma tarefa infatigável para se rever o que se escreveu. Assim aprendíamos, além dos conteúdos ministrados, uma inesquecível lição: a da humildade, de que é errando que se aprende, que errar é humano, o corrigir-se também!



#### NOTAS

- (1) Sobre o Dr. José das Chagas Viegas ver matéria em nosso boletim nº XIV - Novembro/2008;
- (2) Em sua excelente obra memorialística “Acaso eram estes os sítios formosos?”, a escritora são tiaguense Erminia de Carvalho Caputo Resende faz referências ao tema - ver pág. 12;
- (3) Sobre João Lúcio Brandão, que residiu em São Tiago em fins do século XIX, ver matéria em nosso boletim nº XXVII - Dezembro/2009;
- (4) De João Kopke temos um exemplar de “Leituras morais e Instructivas”;
- (5) Sobre o educandário da CNEC, antigo Ginásio e Colégio Normal Santiaguense em São Tiago ver matéria em nosso boletim nº LXXXVIII - Janeiro/2015.



## DE TINTAS E TINTEIROS A CANETAS

Ermínia de Carvalho Caputo Resende

Criança de primeira série podia escrever somente com lápis. Escrita a tinta era obrigatória a partir da segunda série primária, lá pelos idos anos de 1952. Tinteiros, vidrinhos de tinta própria para a escrita, eram vendidos na casa de comércio do Tio Joãozinho Caputo. Aos escolares iniciantes, fascinados pelo ritual da iniciação ao campo da alfabetização, da introdução ao mundo letrado, é fantástico e misterioso. Ser nele introduzido é uma aventura da qual deve sentir-se privilegiado o escolhido para fazer a travessia do estado não alfabético ao fabuloso mundo do código escrito; poderá tornar-se um iluminado, pois é dito popular: quem não possui leitura é cego.

Na segunda série, o aluno já deveria ter conhecimentos necessários para enfrentar fases mais complexas deste mundo. Assim que lhe eram ministrados os pontos de História do Brasil, Geografia, Ciências e ensinados hinos cívicos e religiosos, tudo passado a giz no quadro-negro, - negro mesmo, naquele tempo – e feito em cópia pelos alunos em seus cadernos tão pobres!

Daí, ser a tinta a matéria-prima básica para o desenvolvimento da trama da escrita. Instrumentos indispensáveis eram também a caneta e a pena, esta encaixada àquela e que, por estragar-se facilmente, deveria ser trocada. Meninos ricos, possuíam caneta-tinteiro, símbolo de status, de poder e de respeito, por ser aquele o objeto de desejo de todos os escolares. Nós outros dávamos graças a Deus pelo mais primário, pois muitos não tinham como adquirir nem o mínimo necessário para o desempenho das tarefas; às vezes a Caixa Escolar, também necessitada de ajuda, fornecia caderno, lápis, borracha e merenda para os alunos-da-caixa. Porém, maioria deles não conseguia prosseguir em seus estudos: muitos faziam somente a primeira série e abandonavam a escola no transcorrer da segunda; a conclusão da quarta série constituía motivo de orgulho e honra para a escola e a família, considerados que eram os alunos como preparados para enfrentarem o mundo.

Como a vida era muito difícil, havia racionamento de alimentos no mercado: faltava banha, açúcar, arroz, farinha de trigo ou feijão, devido à pouca produção ou pela precariedade das estradas em tempo de chuva e, até mesmo por boicote nas indústrias; conta-se que no tempo do governo de Getúlio Vargas pôs-se fogo em um estoque de café – que poderia ter sido vendido ou doado ao povo brasileiro, para melhorar o preço de exportação. Os pobres, tomassem café ou não, despertavam pouco ou nenhum interesse quanto à sensibilidade dos poderosos.

Pouco dinheiro, as pessoas tinham de viver com economia; economia mesmo de tinteiros comprados: passávamos à compra de tinta em vidros, garrafas de meio ou de um litro, feita pelo senhor Zé Tatão, morador do Cerrado, em local próximo ao cemitério. A nós, pela distância, parecia-nos empreender uma viagem, por ocasião da compra de tinta, o que ocorria duas a três vezes ao ano. Não sei do que era feita, nem procurava a saber, mas que ficava curiosa, ficava.

Dependia-se, porém, de se possuir um tinteiro vazio, de compra anterior na casa de Joãozinho Caputo. Por quê? Sendo feitas as carteiras da escola para acomodar dois alunos, tinham os buracos destinados aos tinteiros e uma fenda para se acomodar caneta e lápis. Quando acontecia de o tinteiro se inclinar, ocorria um desastre: tinta derramada pela carteira, cadernos borrados, blusa branca de uniforme manchada de azul, sujeira espalhada pelo assoalho da sala de aula. Xingamento das professoras, não muitos! Era necessário e obrigatório o uso do mata-borrão: papelão poroso, em geral de forma retangular, alguns com medida de 12 ou 15 cm por 10; colocado sobre a escrita, absorvia o excesso de tinta, não deixando que borrasse, principalmente quando se fechava o caderno, protegendo quanto ao contato do escrito com as folhas. Simples ou enfeitado com gravuras, tornava-se companheiro inseparável do escritor, pelos socorros que prestava. Com desenhos coloridos no verso, eram os preferidos, pois que, àquele tempo, nem os livros de leitura eram ilustrados com desenhos ou atraíam pela cor: tudo em preto e branco, às vezes com letras muito miúdas e papel de pouca qualidade. Os desenhos variados dos mata-borrões despertavam na criança o desejo de colecioná-los. Cuidado especial com os que traziam mapas desenhados.

Estava cursando a terceira série, quando apareceram tinteiros excepcionais para se comprar, os chamados tinteiros econômicos; eram feitos de lata e tinham um dispositivo interno onde a tinta era armazenada com a grande vantagem de não derramar-se. Podia ser carregado na cestinha de palha, tecida com muito gosto pelas Meninas da Vitória, três moças de cor negra, solteironas, muito estimadas, vendidas sob encomenda aos meninos de escola, que ali colocavam o material escolar para ser transportado. O tinteiro econômico foi um ganho, tanto para os alunos quanto para a escola; invenção engenhosa, útil e, para mim, até hoje misteriosa, por não ter descoberto seu mecanismo de acomodação da tinta, o que nos trouxe



muito conforto e harmonia quanto à execução das tarefas escolares. Mas, a pena, era mesmo um pena – penitência: abria-se com facilidade ao ser usada e não se podia mais escrever com ela. Apesar de barata, muitos pais não dispunham de dinheiro para aquisição de outra, dificultando ainda mais o trabalho dos alunos.

A caneta-tinteiro, com dispositivo para armazenar certa quantidade de tinta, começou a popularizar-se e alguns alunos já podiam adquiri-la, poucos, entretanto. Aconteceu, então, um fato muito interessante. Havia uma frota de caminhões de Bom Sucesso que levava mercadoria a ser vendida no Rio de Janeiro, trazendo de lá, principalmente, farinha, latinhas de banha de coco, sal, açúcar, querosene e outras mercadorias. Lembro-me do Senhor Geraldo Madalena, Tião Bá e de seu irmão, Chocolate. Forneciam mercadoria para a pequena padaria de meu pai. Tião Bá trouxe-me de presente uma caneta estranha, que escrevia com tinta, mas com a mesma facilidade e formato do lápis. Não acreditava. Como seria aquilo? Agradei muito o presente e comecei a fazer uso da caneta, com muita economia, medo de estragar-se ou acabar a tinta. Um dia resolvi leva-la à escola. Minha professora, Dona Ilza Rosa, vendo o objeto, admirou-se muito dele, bem como todos os meus colegas. Pediu-me a caneta emprestada, usou-a e gostou. Mostrado às outras professoras, causou sucesso. E todos os dias, no início da aula, D. Ilza pedia-me a caneta para fazer a chamada. Pedi a Tião Bá para trazer um para eu presentear minha professora. Do mesmo estilo e da mesma cor verde, veio a caneta, que dei à mestra. Devagar, foi-se popularizando e tornou-se conhecida pelo nome de caneta esferográfica, dado possuir uma minúscula esfera, que, girando, proporcionava a saída da tinta do pequeno tubo condicionador. E lá se vai a caneta, entre os dedos que a comandam, deslizando sobre papéis, não só nas carteiras das escolas, mas em todos os lugares onde a escrita é instrumento indispensável.

Assim, a caneta esferográfica, convivendo de certa forma com a caneta-tinteiro, usada esta nos registros de documentos destinados a maior tempo de conservação, vai cumprindo sua tarefa, sendo história e registrando a história.

Lindas canetas aquelas do início de minha escrita a tinta! Tão bordadas, tão atraentes! Outras, simplesmente canetas: amarelas, azuis, vermelhas... Gosto muito de escrever e uso as esferográficas comuns. Algumas são atraentes pela forma e colorido, bem como pela variedade das tintas. Em cartões personalizados prefiro usar as de tinta preta, tipo Nanquim: o trabalho fica mais bonito.

A você caneta, bem como a vocês lápis, borracha, papel, régua, apontador, corretivo, grameador, perfurador, máquina de escrever, computador, cartolina, meus agradecimentos por existirem juntamente comigo.

Àqueles que me ensinaram a fazer uso da escrita em suas várias modalidades, imensa gratidão, pois assim poderei repassar às gerações posteriores os conhecimentos historicamente acumulados, cumprindo tarefa maior, a exemplo dos monges da idade média que, em seus mosteiros, tomaram para si a tarefa de copiar os escritos dos mais antigos, permitindo que não se perdessem e pudéssemos deles nos apropriar.

Canetas e tintas, lápis e papel... Tijolo sobre tijolo, assemelhando-se à trama da aranha que constrói sua teia, lá vão sendo registrados os meus pensamentos, pura energia.